

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254

EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA

DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

AVENÇA

O GOVERNO DARÁ AO BAIXO ALENTEJO O SEU PORTO

Onde aparece a Nação — o vértice das glórias e dos sofrimentos de um povo — não pode aparecer mais nada

O SR. MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS INTERESSA-SE PELO CASO DE MÉRTOLA

Sabemos que o sr. eng. Eduardo de Arantes e Oliveira está a dedicar interesse especial ao problema dos vaus do Guadiana e do porto de Mértola, tendo já ordenado o estudo dos projectos realizados há anos e que haviam caído no esquecimento.

Esta decisão rápida do ilustre membro do Governo não constituiu surpresa para *Jornal do Algarve* e se a referimos é apenas para alentar a esperança da gente do Baixo Alentejo e para lhe dar a certeza de que o Ministério das Obras Públicas não descarta, na parte que a si diz respeito, os altos interesses da Nação.

A CAUSA é tão justa, a obra é de tal modo imperiosa, que não duvidamos o Governo dará ao Baixo Alentejo o seu porto — e ao conceder-lhe esse benefício não lhe fará favor nenhum, mas terá prestado à economia alentejana um serviço que transcende os limites geográficos e económicos do distrito de Beja, já que, não há dúvida, a construção do porto de Mértola reveste-se de interesse nacional. Servindo nas importações de adubos e maquinaria, serve nas exportações de cereais e de minérios de manganês de Alcaria e Castro Verde e de ferro dos concelhos de Serpa, Moura e Barrancos, minérios que em parte serão utilizados pela siderurgia nacional. E havemos de ter presente em toda a sua nudez, a nova feição económica que o mundo está a apresentar desde que o mercado comum deixou de ser uma idealização de economistas para se transformar numa sólida realidade. Mais tarde ou mais cedo cairmos todos sob a acção ten-



O Guadiana é o rio português com maior extensão navegável para navios de alto bordo. Vemos aqui o «Coruche» subindo o grande rio a toda a velocidade — há que aproveitar a maré! — a caminho do Pomarão. Não percamos a esperança de o ver subir até Mértola dentro de pouco tempo!

VISITOU OBRAS

de hidráulica no Algarve

o sr. eng. Amaro da Costa

O sr. eng. Manuel Rafael Amaro da Costa, director geral dos Serviços Hidráulicos, acompanhado dos srs. engs. Manuel Rocha, director do Laboratório Nacional de Engenharia Civil; José Folque, competente técnico deste Laboratório e estimado algarvio; Armando Palma Carlos, chefe da Repartição de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos; Rui Sanches, chefe da secção de projectos, e de outros técnicos, visitou, depois de apreciar os locais das futuras barragens do Mira e da ribeira do Roxo, algumas das importantes obras de hidráulica que estão em execução no Algarve.

Conclui na 6.ª página

OS ESTALEIROS DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO honram a construção naval portuguesa

PODE orgulhar-se a construção naval de Vila Real de Santo António pelos magníficos barcos de carga, de passageiros e de pesca que têm sido construídos nos seus estaleiros e que navegam em vários portos continentais, das ilhas e ultramar. Em dado momento quase se tinha perdido a tradição da construção naval na Vila Pombalina mas graças ao aumento da frota local, verificou-se, desde há anos, um renascimento na arte do carpinteiro de ribeira e renascimento tão sólido e tão próspero que os estaleiros da progressiva vila não param um momento. Deve-se esta prosperidade ao apuro da construção e à linha airosa e elegante dos barcos, demonstrações inequívocas da aptidão dos calafates do Guadiana.



Ao «Rio Jamar», o mais airoso barco de passageiros que faz a travessia do

Tejo construído nos estaleiros, modernamente apetrechados, de mestre António Pena, seguiu-se agora o atuneiro «Nuno» — que a nossa gravura reproduz deslizando na carreira — construído nos mesmos activos estaleiros e que brevemente seguirá para Cabo Verde exercer a pesca. O magnífico barco tem as seguintes características: comprimento total, 23,80 metros; comprimento de sinal, 21,32; boca, 5,60;

pontal, 2,60 e está equipado com motor «Rolls-Roice» de 250 H. P. e com frigoríficos.

Ao «Nuno» seguir-se-ão mais três atuneiros, já em construção, destinados também a África.

Não podemos deixar de nos regozijar com o progresso da construção naval em Vila Real de Santo António e com o escrúpulo que preside a essa actividade e do qual deriva a afluência de encomendas aos estaleiros.

UM ESCLARECIMENTO

provocado por uma carta do sr. dr. Frederico Ramos Mendes dirigida ao «Diário do Alentejo»

VIMOS publicada no nosso prezado colega «Diário do Alentejo» a carta que o sr. dr. Frederico Ramos Mendes dirigiu ao *Jornal do Algarve* em resposta aos esclarecimentos do sr. presidente da Câmara de Portimão reproduzidos no nosso jornal. Nada haveria a acrescentar se na carta endereçada ao nosso colega bejense o sr. dr. Frederico Mendes não se exprimissem nestes termos: «Mas, a alusão directa que me faz nos seus esclarecimentos, compele-me a solicitar, sr. director, um canto do seu conceituado jornal para a publicação desta carta em virtude do «Jornal do Algarve», no seu número de 25 do corrente, a não ter publicado na íntegra».

Não há dúvida que o sr. dr. Frederico Mendes acusa o *Jornal do Algarve* de ter tomado uma posição de preferência neste caso. E como a acusação é totalmente injusta e pode levar os nossos leitores a deduções pouco lisonjeiras para nós, vemos-nos forçados a dar este esclarecimento. Não cortámos sequer uma vírgula da carta do sr. dr. Frederico Mendes. E ele pessoalmente, visto que é a parte interessada, poderá verificar a verdade do que afirmamos se se der ao incómodo de passar pela nossa redacção.

Fica, pois, assente que *Jornal do Algarve* não cortou sequer uma vírgula da carta do sr. dr. Frederico Mendes!

ESTRADA

de Vila Real de Santo António-Beja

CONTINUAM os trabalhos de alcatroamento da estrada de Vila Real de Santo António-Beja, que é sem dúvida, pelo seu magnífico traçado, a melhor estrada de comunicação do Algarve com o resto do País. No dia 25 efectua-se novo concurso para obras de reparação e revestimento betuminoso do troço da Ponte de Terres até às proximidades de Mértola. A base de licitação é de 2.700 contos.

AGOSTINHO FERNANDES e a valorização editorial PORTUGUESA

TEMOS na nossa frente cinco livros e sentimo-nos orgulhosos de verificar que eles honram a indústria editorial portuguesa. Estamos mesmo em transe de admitir que eles honram, em qualquer parte do mundo, a arte do livro. E' curiosa esta verificação — em Portugal, de longe em longe, há um renascimento simpático da edição, proveniente da circunstância de intervirem na nobre mas pouco rendosa arte do livro pessoas de gosto requintado. Felizmente que tal se dá, não com a frequência que seria para desejar mas com a pausa dilatada que revigora e entusiasma o leitor quando adrega haver à mão volume que o prenda pelo seu conteúdo e pela arte que valoriza o mesmo conteúdo — depois de durante muitos anos se ter adaptado à modéstia, às vezes excessiva pobreza com boa adubação de mau gosto, das nossas correntias edições. Lembra-nos o grande e escrupuloso editor que foi David Corazzi, que tanto valorizou a nossa indústria editorial no século passado e mais recentemente há que assinalar o malgrado Justino de Montalvão e Eduardo Salgueiro que, através da «Inquérito», operou uma revolução no nosso meio editorial.

Agora surge-nos em força e com um requinte de gosto que nos surpreende outro editor — Agostinho Fernandes, proprietário da Portuguesa. Dá-se o caso especial de se tratar de um algarvio e isso conta no nosso apreço e na nossa consideração. Amador de arte, paci-



Agostinho Fernandes

«Correio do Sul»

ENTROU no 39.º ano de publicação o nosso prezado colega «Correio do Sul», sem dúvida um dos mais prestigiosos semanários do País. Dirigido, desde há anos, pelo dr. Mário Lyster Franco, escritor e jornalista de reconhecida competência, «Correio do Sul» tem pugnado com interesse pelos problemas do Algarve, sendo digno da simpatia e da ajuda de todos os algarvios. E com sentimento de profunda amizade que desejamos ao semanário farenses as maiores prosperidades e ao seu ilustre director longa vida para continuar a orientar com proficiência o seu prestimoso jornal.

A MAIOR

capitação tributária do Algarve

é a de Vila Real de Santo António

ECONOMISTA e nosso amigo sr. dr. António de Sousa Pontes, um perito em estatística, deu-se ao trabalho de organizar um mapa de apreciação do valor económico dos concelhos do Algarve através dos impostos de rendimento e respectivos adicionais pagos em 1955. Eis as conclusões a que chegou e pelas quais se verifica que as maiores capitações correspondem aos concelhos de Vila Real de Santo António e Portimão:

	Total de contr. paga em cont.	Capitação
V. R. S. António	6.155	427\$90
Portimão	7.773	328\$00
Olhão	7.822	245\$20
Lagos	3.375	204\$80
Faro	6.041	179\$00
Tavira	3.043	99\$30
Albufeira	1.436	90\$70
Lagoa	1.193	87\$20
Vila do Bispo	492	80\$00
Alportel	719	74\$90
Loulé	3.711	72\$80
Silves	2.496	66\$20
Aljezur	440	54\$40
Castro Marim	529	53\$90
Monchique	788	53\$60
Alcoutim	404	37\$40

ESTRADAS

A rede de estradas nacionais, municipais e florestais do Algarve totaliza 1.282 quilómetros, dos quais 577 estão asfaltados. São servidos pela camionagem de passageiros 1.270 quilómetros, o que corresponde a quase totalidade.

A saúde é a maior riqueza

O perigo dos dentes quebrados

Os dentes quebrados, entre outros inconvenientes, podem provocar ferimentos na língua, nas gengivas e na mucosa que reveste internamente a cavidade bucal, ferimentos esses que se infectam às vezes até por germes provenientes da própria cárie dentária.

Proteja-se contra as infecções da boca, procurando o dentista para tratar as cáries e remover os dentes quebrados.

MOTIVO ESSENCIAL QUE COMPELE O ATUM ADULTO A EMIGRAR

pelo capitão-de-mar-e-guerra JOSÉ SALVADOR MENDES

QUE nos parece forçar o atum adulto a movimentar-se migratoriamente, em certas estações do ano, é o seu estado inicial de ovado ou maduro.

Quando atinge este estado, o atum necessita de se movimentar intensamente — e de forma intermitente ou permanente — para que, por completo, possa desenvolver as suas ovas e, possivelmente, para que

possa expelir os ovos dessas mesmas ovas. Conclui na 5.ª página

O Algarve na obra de Teixeira Gomes

Por falta de espaço, fomos forçados a retirar deste número a excelente crónica do nosso amigo e colaborador sr. J. Mimoso Barreto.



«SANGUE TOUREIRO» REVELA-NOS UM REALIZADOR (AUGUSTO FRAGA) E UM COMEDIANTE (DIAMANTINO VISEU)

«Sangue Toureiro», a nova produção cinematográfica nacional, assinala a estreia como realizador de filmes de longa-metragem do nosso camarada de imprensa Augusto Fraga e, ao mesmo tempo, constitui a primeira película portuguesa a cores. Baseada numa história de Patrício Álvares e com diálogos de Armando Vieira Pinto, «Sangue Toureiro» revela-nos um Ribatejo natural, sem artificios, humano, que serve de fundo a um conflito de extensões ora cómicas, ora ternas, ora dramáticas. Tendo como figuras principais Amália Rodrigues e Diamantino Viseu, o filme inclui outros nomes particularmente valiosos, como Carmen Mendes, Erico Braga, Raul Solnado, Fernanda Borsatti, Josefina Silva, Paulo Renato, etc. Na imagem: cena de exteriores com Carmen Mendes, nova grande esperança do nosso cinema, Diamantino e Erico.

Visado pela delegação de Censura

O JORNAL ALGARVIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

15 FEV. 1958



por CASIMIRO DE BRITO

Mascarinhas

Vêm do fundo da noite escura que são os preconceitos que as ligam à roleta costumeira do ficabem ou do fica-mal.

Alegres ou tristes conforme são no que em si há de verdadeiro, de autêntico, de real. As «mascarinhas» são as pessoas que têm necessidade de se desmascarar uma ou duas vezes por ano.

Por isso as «mascarinhas» são necessárias, são um costume tradicional que não convém aniquilar, que não convém deixar amortecer!

Agora, nestas noites cálidas e quentes de carnaval, os preconceitos ficaram em casa com as fórmulas habituais e quotidianas que reduzem as pessoas ao número que quase são.

Ei-las! São a verdadeira alma do carnaval, o melhor que o carnaval nos pode dar, a verdade que faz do carnaval a época mais querida do povo.

E apesar do odor a naftalina e a bolor que as suas vestes espalham por onde passam, das suas vestes encerradas durante anos e anos no ventre de um baú qualquer, as «mascarinhas» espalham também, quando passam, um perfume e uma música que, não sendo concretos, são pressentíveis como a satisfação que nos trazem.

As «mascarinhas» (e em «mascarinhas» não diferencio sexo) são a alma do carnaval, o que dá ao carnaval esse sentido de necessidade que o faz tão querido por todos os povos do mundo.

Que voltem de novo para o ano, que sejam sempre mais e mais, que o seu hino oculto de beleza nem sempre acessível as torne muitas e coloridas e felizes e alegres nos nossos carnavais. Nos carnavais do futuro...

Que voltem de novo para o ano! Sereis bem-vindas, «mascarinhas»! Não falo por mim. Limito-me a traduzir o que me parece enraizado na alma do povo! Desse povo bom e humilde, alegre e sofredor, a que pertencemos de alma e coração.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Dr. José Pais Ribeiro

Por motivo de abandonar Faro em consequência de ter sido nomeado director do Hospital-Colônia Rovisco Pais, foi oferecido um jantar de despedida ao sr. dr. José Pais Ribeiro que durante alguns anos desempenhou, com competência, o cargo de delegado distrital de saúde.

Em substituição do sr. dr. José Pais Ribeiro assumirá as funções de delegado de saúde o sr. dr. Jaime Bento da Silva, que, em tempos, desempenhou este cargo com muita proficiência.

Partidas e Chegadas

Esteve alguns dias no Algarve, acompanhado de sua esposa, o sr. eng. Couto dos Santos, correio-mor. Vimos em Vila Real de Santo António o sr. eng. Rui Ramirez Sanchez.

De visita a seus pais, esteve em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa, o sr. eng. José Henriques Duarte Rosário, nosso assinante em Lisboa.

Com destino a Espanha, passou por Vila Real de Santo António o sr. Américo Guerreiro Amado, correspondente do Jornal do Algarve, em Loulé.

A fim de assistir ao casamento de seu primo, como noutra lugar noticiamos, esteve nesta vila, com sua esposa e filha, o sr. Manuel António Caldeira, nosso assinante em Lisboa.

Com pouca demora, estiveram em Vila Real de Santo António os srs. eng. João Eusébio Damasceno Botelho e Jorge Manuel Celorico Freire Medeiros, nossos assinantes na capital.

Acompanhado de sua esposa, vimos nesta vila o sr. José Manuel Pereira, nosso assinante em Lisboa.

Esteve em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Maria Emília Dias do Carmo, nossa colaboradora, residente em Aiamonte (Espanha).

Durante alguns dias, esteve no Algarve o nosso prezado colaborador sr. Arnaldo Martins de Brito.

Com pouca demora, esteve em Vila Real de Santo António o nosso assinante em Lisboa, sr. Hugo Alves Ribeiro.

Casamento

Na igreja paroquial de Vila Real de Santo António, realizou-se no dia 10, o casamento da sr.ª D. Oliveira Madeira Feliciano, filha da sr.ª D. Otilia dos Mártires Madeira e do sr. Joaquim Pereira Feliciano, com o sr. João Cláudio Antunes, filho da sr.ª D. Mariana Antónia Fonseca e do sr. João Antunes.

Doentes

No hospital de Portimão, foi operado de urgência a uma hérnia, operação que decorreu com muita felicidade, o sr. António Ramirez Mestre, sócio da firma Ramirez, Peres, Cumbreira & C.ª e gerente da sua sucursal em Ferragudo.

Tem estado bastante doente, o nosso assinante sr. Henrique Dias Guerreiro.

Em Lisboa, foi submetido a uma intervenção cirúrgica que decorreu com todo o êxito, o sr. Cândido Marrecas, agente do Banco de Portugal em Beja e nosso assinante na mesma cidade.

Jornal do Algarve, faz sinceros votos pelo rápido restabelecimento dos doentes.

ECONOMIA

A MOSCA DA AZEITONA flagelo dos olivais algarvios

DE um valioso relatório elaborado em 1956 sobre a mosca da azeitona pelo sr. eng.-agronomo Augusto Rosa de Azevedo vamos extrair números que nos deixam desanimados e que requerem a adopção de medidas que atenuem os efeitos perniciosos do nocivo insecto.

A produção de azeite no Algarve no ano de 1955, foi a seguinte, em hectolitros: Albufeira, 1.964; Alcoutim, 406; Alportel, 2.075; Castro Marim, 413; Faro, 1.671; Lagoa, 1.466; Lagos, 506; Loulé, 6.207; Monchique, 1.561; Olhão, 2.587; Portimão, 1.736; Silves, 8.055; Tavira, 6.250 e Vila Real de Santo António, 1.687.

O que a França nos comprou

Entre as principais importações francesas de proveniência portuguesa, de Janeiro a Novembro do ano findo, figuram: cortiça em bruto e trabalhada, 64.784 quintais, no valor de 1.204,6 milhões de francos; conservas de sardinhas e outros peixes, 25.066 quintais, num valor de 712 milhões; e amêndoas, 7.292 quintais, num valor de 392,7 milhões.

Conferência oleícola intergovernamental

Nesta conferência, que acaba de se realizar em Tunes, tomaram parte representantes da Espanha, França, Marrocos, Líbia, Itália, Turquia, Portugal, Tunísia e Grécia, assim como o presidente da Federação Internacional de Oleicultura.

Conservas

As exportações espanholas de conservas de peixe em 1957 representaram aproximadamente 30 por cento da produção do vinho país, ultrapassando os 26 milhões de pesetas-ouro, cifra muito baixa comparada com a média de 1931-35 em que as referidas exportações ascenderam a 100 milhões de pesetas-ouro.

O ano findo caracterizou-se por capturas mais elevadas de peixe industrializável e notou-se uma reanimação nas exportações que paralizaram no fim do ano. Os principais mercados consumidores de conservas espanholas são: Estados Unidos, Suíça, Alemanha, Inglaterra, Dinamarca, Bélgica, Holanda, Cuba, Uruguai e Brasil.

Abundância de matérias primas no mercado mundial

Acentua-se a descida de valores das matérias primas no mercado internacional o que tem influenciado as economias dos países economicamente pouco desenvolvidos e fornecedores, portanto, de matérias

Na inauguração da Escola Industrial e Comercial de Loulé

foi exaltada a obra do sr. ministro da Educação

COM grande e justificado regozijo dos louletanos, foi inaugurada oficialmente a sua Escola Técnica, tendo presidido ao acto, que se realizou nos Paços do Concelho, o sr. dr. António Baptista da Silva Coelho, governador civil, ladeado pelos srs. dr. Carlos Proença, director-geral do Ensino Técnico; dr. Belo, inspector superior do Ensino Liceal; eng. Fortes Lima, inspector do Ensino Técnico; dr. Fernando Laborinho, director da nova escola; dr. José Correia do Nascimento, presidente da Junta de Província e da comissão distrital da U. N.; e José João Ascensão Pablos, presidente da Câmara Municipal daquele concelho.

Discursaram os srs. presidente do Município, drs. Fernando Laborinho e Carlos Proença e o chefe do distrito, os quais enalteceram a importância do benefício concedido à simpática vila e tiveram palavras de justiça para o esforço dispendido pelo sr. ministro da Educação no sentido de dar maior amplitude ao Ensino Técnico.

Animatógrafo

CARNAVAL!

Pagode, troça, folia, reinação e alegria, Carnaval, eis o que amanhã começa. — Com algo de original? Vejamos, um pouco à pressa:

Loulé, vila progressiva, dinâmica, sempre activa, apresenta três dias de animação em cenário que nos tenta. Mais lá, fica Portimão...

Nesta ridente cidade, princezinha do Arade, os festejos luzem, qual brilhante facão; vamos, pois, matar desejos? Mais cá, é Moncarapacho...

Messines, S. Bartolomeu, grita-nos: então e eu?!... Nos Algarves há «batalhas» a granel sem couraças nem adarves; as «balas»... são de papel!

Nestas batalhas... de flores os carros mostram primores de beleza. O Carnaval algarvio honra a terra portuguesa, tem tradições, e tem brío!

OPERANTE

1.021 CONTOS de subsídios a instituições de assistência do Algarve

COUBERAM ao Algarve os seguintes subsídios ordinários de cooperação que vão ser distribuídos pela Direcção-Geral de Assistência:

Misericórdias: Albufeira, 16.000\$; Aljezur, 8.000\$; Faro, 260.000\$; Lagoa, 28.000\$; Nossa Senhora dos Pobres, Loulé, 84.000\$; Lagos, 32.000\$; Castro Marim, 10.000\$; Monchique, 30.000\$; Portimão, 72.000\$; Silves, 70.000\$; Tavira, 82.000\$; Vila do Bispo, 20.000\$; Vila Real de Santo António, 42.000\$; Alcoutim, 12.000\$; Nossa Senhora da Conceição, Olhão, 60.000\$; S. Brás de Alportel, 8.000\$; Creche Jardim de Nossa Senhora de Fátima, Faro, 45.000\$; Casa da Primeira Infância, Loulé, 26.000\$; Associação Protectora das Florinhas do Sul, Faro, 24.000\$; Instituto de Assistência Social de Nossa Senhora de Fátima, Olhão, 72.000\$; e Centro de Assistência Social de Nossa Senhora do Carmo, Lagos, 20.000\$.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 6 a 12 de Fevereiro

ENTRADOS: Portugueses «Mira Terra», de 562 ton. e «Maria Christina», de 549 ton., de Lisboa, vazios; Português «Dione», de 749 ton., de Aiamonte, com minério em trânsito; Italiano «Schedir», de 498 ton., de Portimão, com carga em trânsito.

SAÍDOS: «Ze Manel» e «Mira Terra», com minério para Lisboa; «Dione», com minério, para Nantes; «Schedir», com conservas para Génova.

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas às 11 e às 18 horas

Rua Filipe Alistão, 27 - FARO Telefone 475

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carrilho, Praça Marquês de Pombal, telef. 49.

SOCIEDADE ORFEÓNICA

de Amadores de Música e Teatro

FOI empossada a nova direcção da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, de Tavira, que é constituída pelos srs. Bernardino Mendonça, presidente, Júlio Cesar Galhardo, Leonílio Eduardo Figueira Santos, Manuel Florival Gaspar e Domingos Mendonça Feliciano, respectivamente vice-presidente, secretários e tesoureiro.

Agradecemos a saudação dirigida ao Jornal do Algarve, assegurando a nossa colaboração à prestant e simpática colectividade.

Só para miúdos

Envie 10\$00 em selos de correio (Portugal e Ultramar) e receberá um lindo CINEMA em FOLHA, e 200 filmes. Pedidos ao representante: CASA BRASIL - TAVIRA. Não envio à cobrança.

Bóias da barra do Guadiana

Informa o Instituto Hidrográfico de la Marina, de Cádiz, que desapareceram as bóias n.ºs 3 e 5, situadas respectivamente a 8.600 metros e 7.800 metros do farolim do castelo de Aiamonte.

Banco Português do Atlântico

RECEBEMOS o relatório do exercício do ano findo do Banco Português do Atlântico o qual demonstra o progresso deste prestigioso organismo bancário que tem três agências na nossa província — Vila Real de Santo António, Lagos e Faro. As receitas gerais atingiram 83.839.990\$21 e o lucro líquido foi de 17.084.896\$72.

SOCIEDADE OCEANICA DO SUL, S. A. R. L.

Rua de S. Bento, 178-1.º LISBOA

Motores marítimos: SKANDIA, KAMPER, ATLAS IMPERIAL Sondas e rádios telefones para a pesca: SIMRAD Máquinas para a indústria de conservas: SUDRY Aparelhos gravadores de som para ditado: ASSMAN Aparelhos descongeladores e de aquecimento para a indústria e conforto MASSER Máquinas para café-creme EUREKA Agentes em todo o Algarve

«AS CAVES DO GUADIANA»

Por motivo de retirada, trespassa-se este bem conhecido Café-Restaurante. Bom emprego de capital. Informa o proprietário VICENTE RODRIGUES — Vila Real de Santo António.

MUITOS DIESEL. Já instalados como motores de propulsão e em grupos auxiliares em: BACALHOEIRAS, CARQUEIROS ARRASTÕES, REBOCADORES E BARCOS DE PILOTOS, EMBARCAÇÕES FLUVIAIS DE PASSAGEIROS, TRAIINEIRAS DE, TODOS OS TIPOS, VELETAS. POTÊNCIAS DE 5 CV ATÉ 250 CV PARA ENTREGA IMEDIATA DESDE OS NOSSOS ARMAZÉNS. J. WIMMER & CO., LISBOA. TELEFONES 660127/129 AVENIDA 24 DE JULHO, 34 REPRESENTANTES ASSISTÊNCIA TÉCNICA ORÇAMENTOS

SELECÇÃO DA SEMANA

Abade (Isaurindo)
 Alfredo Bento Ginjão
 Poeira Bento
 Costa Cava Ângelo Parra Sílvia

ALGARVE-LISBOA (em números)

ALGARVE	69	45	6	18	162-077	96 pontos
Lisboa	69	27	13	29	140-132	67 pontos

EDUARDO AUGUSTO

Eduardo Augusto que durante ano e meio, orientou as turmas de futebol do Lusitano F. C., e que há pouco foi substituído pelo técnico olhanense, Damaso da Encarnação (Cassiano), retirou para Setúbal. Na véspera da sua partida, veio apresentar cumprimentos à nossa Redacção. Eduardo Augusto deu-nos a boa notícia de que estavam quase ultimadas as negociações para treinar uma bem conhecida equipa do Norte. Pediu-nos, também, para apresentarmos as suas cordiais despedidas a todos os desportistas algarvios, muito especialmente aos seus amigos de Vila Real de Santo António, o que gostosamente fazemos.

Que Eduardo Augusto tenha muitas felicidades na sua atribulada vida de treinador, são os nossos amistosos desejos.

Cine-Foz

QUINTA-FEIRA, *O ferroviário*, com Pietro Germi. (Para 17 anos).

DOMINGO, em cinamascópio, *O talismã*, com Virginia Mayo, Rex Harrison e George Sanders. (Para 12 anos).

BREVEMENTE, *O dossier negro*.

- VELA -

RUMO AO MAR

O PAPEL DO «MOTH»

pelo eng. MANUEL MENÉRES, director do Centro de Vela do Porto

Uma recente circular sobre o fabrico em série, a venda e a difusão de embarcações da classe «Moth», veio lembrar a possibilidade que há de tornar a vela nacional mais vulgarizada, a troco de pequena distração de verbas.

Com efeito, nestes últimos anos, não se tem apercebido aumento de unidades em número sensível, nas frotas particulares, obrigando a quem dirige a não desconhecer o facto e remediá-lo na medida das possibilidades.

Salvo o número de «Dragões», que, muito rápido, atingiu e ultrapassou mesmo a dezena, mas que as últimas provas tem indicado (se a quantidade de inscritos é barómetro) que o mesmo número se estabilizou, a classe «Star» atingiu o limite das nossas possibilidades, os «snipes», mesmo com facilidades de aquisição, não têm progressivamente aumentado, ou se o têm, isto verifica-se sómente em Lisboa, os «sharps» têm muito lentamente aumentado (mas em frotas oficializadas) e outras classes apresentam um ritmo de crescimento que não constitui lei.

De resto, as localidades que se aprestam a possuir um barco com mais do que 200 quilos (do «snipe» para cima) terão de possuir Posto Náutico e meios de colocar e retirar da água as embarcações, no caso de serem médias, e rampa de limpar e doca, no caso de barcos maiores, o que limita a nossa orla marítima, não pondo a questão de haver posses, a Lisboa, Porto, Faro e, já com menos possibilidades, Setúbal.

A realidade «vélica» é, pois, muito restrita, uma vez que há inúmeras localidades em que a densidade de população faria prever uma maior procura náutica, e temos então de sobrecarregar a falta de entusiasmo com o problema financeiro.

Isto é, pode-se apontar dois «males»: a abstenção de aquisição de barcos nas localidades onde as instalações são francamente acessíveis (caso de Lisboa, Porto e Faro) por excesso de custo das classes vulgarizadas, e a falta de instalações para os mesmos, na restante parte do País.

Não é difícil historiar o aparecimento e expansão das sucessivas classes de barcos, desde o «star» com Carlos Bleck, «sharpie» e «luisito» com Rodolfo Fragoso, «dragões» com o Conde de Caria, e outras de menos precisa autoria mas de passos conhecidos, e todas elas nasceram de determinadas necessidades com fins também especulados.

Naturalmente que o centro do desporto, sendo Lisboa, via essas necessidades para o seu habitual e suas possibilidades.

Outras regiões, procurando acompanhar, iniciaram parecido crescimento, mas indubitavelmente que os poucos recursos em adeptos rapidamente atingiram a saturação.

Essa saturação, a não ser compreendida, fará com que a vela desnecessariamente se situe cada vez mais em âmbito restrito, com o au-

mento gradual de frotas do Estado e retraimento de particulares, cada vez mais longe de reunirem qualidades de material para desportivamente competirem com «armas» iguais.

Como as organizações oficiais se limitam a Lisboa (B. N. e M. P.) e Porto (M. P.), com notável contribuição para o bom nível, fica todo o resto de Portugal praticamente abandonado.

Esse resto, e não pouco é, em não pouca atenção se devia ter, juntamente com a quebra de construção de novas unidades nas duas citadas cidades, necessitando pois, de uma revisão no bom sentido de palavra.

Isto é, não basta oferecer possibilidades para se construir «snipes» ou «finns», pois mesmo assim se provou não ter havido uma corrida ao louvável intuito, mas sim, ver se há índice para esses barcos, caso do tal resto, e se, havendo, mesmo assim a população de velejadores está preparada para esse desembolso.

Viu-se, pois, que temos de nos contentar, por enquanto, com classes menos dispendiosas. Com isso abranje-se o círculo das três cidades (Lisboa, Porto e Faro) e, o que é importante, dar-se-á possibilidades às localidades sem instalações, de proporcionarem o desporto da vela, o que até aqui se não tem conseguido. Antes pelo contrário, verificou-se o anulamento de algumas manifestações, por imposição oficial, caso dos Centros de Vela da M. P. que fecharam (Viana do Castelo, Figueira da Foz, Albufeira e Vila Real de Santo António).

Compreendendo isto, a Associação Portuguesa da Classe Moth tomou a iniciativa de arranjar o financiamento da construção em série de barcos da classe «Moth», de um dos tipos americanos mais modernos (o «Orion»), o barco acessível, quer financeiramente, quer em função das piores circunstâncias em instalações.

Estes barcos, feitos em série no Algarve sob a fiscalização e orientação da Associação Portuguesa da Classe Moth, serão fornecidos a todos os velejadores do País e Ultramar, filiados ou não na A. P. C. M., oito semanas após o seu pedido, mediante prestações mensais ao alcance, praticamente, de todas as bolsas.

Esta iniciativa da Associação Portuguesa da Classe Moth parece vir a dar frutos, pois representa a resposta a que, a traços gerais, se pretendia apresentar como o estado da crise da vela nacional.

Manuel da Silva Domingues
 Agente das Tintas
 «EXCELSIOR»
 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Representações ou Agências para Vila Real S. António

Accepta guarda-livros de importante empresa industrial.
 Resposta a este jornal ao n.º 20.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

F U T E B O L

Campeonato Nacional (III Divisão)

Em Vila Real de Santo António e Silves não se ganhou para o susto...

Silves, 2 — Aljustrel, 1

O jogo começou em toada de equilíbrio, com avançadas alternadas, tendo o Silves, logo de início perdido uma oportunidade de marcar por inépcia de Vitor.

O Aljustrel começa a dominar, distinguindo-se Tomé na urdidura das jogadas, e aos 17 minutos, o referido Tomé, com um fortíssimo e bem colocado remate, bate Inácio não obstante a estirada deste.

O Aljustrel continua a dominar até aos 50 minutos mas a defesa do Silves não consente mais golos.

No início do último quarto de hora da primeira parte o Silves reage, sacode a pressão, e passa a comandar o jogo mas por manifesta pouca sorte e também por *aselhice*, em especial de Vitor, não consegue traduzir o domínio em golos.

Aos 40 minutos José Domingos, do limite da grande área tem um formidável remate ao canto da baliza, estabelecendo o empate.

A segunda parte pertenceu inteiramente ao grupo local, que só por acaso conseguiu o triunfo depois de uma série de jogadas junto à baliza de Ramires. Foi Vitor quem anichou a bola na rede.

Devemos salientar que os avançados do Silves se esforçaram para conseguir um bom resultado mas umas vezes por o árbitro cortar as jogadas, outras porque Vitor perdia excelentes oportunidades, nada mais conseguiram do que uma vitória pela tangente.

Aos 27 minutos da segunda parte o árbitro mandou sair do campo o defesa Filipe, do Silves, por este haver agredido um adversário. Está certo; o que não nos pareceu certo foi o facto de o árbitro ter deixado passar em claro a agressão (que já era a 3.ª) desse mesmo adversário sobre Filipe. De resto, não foi este apenas o senão da arbitragem do sr. Salvador Figueiras, de Setúbal, neste desafio. Regra geral só assinalava a segunda falta, cometida em resposta à primeira, assinalou faltas em que beneficiou grandemente o infractor, e deixou de assinalar uma grande penalidade quando uma defesa de Aljustrel, dentro da grande área, meteu deliberadamente mão à bola. Perante os protestos do público o sr. Figueiras dirigiu o olhar para o *liner* Florival mas este continuou imperturbável como se nada tivesse visto!

Somos dos que acham difícil a missão do árbitro mas não podemos deixar de classificar de péssima esta arbitragem. Para cúmulo o árbitro ainda foi mal auxiliado pelo *liner* Florival. Não está certo que o sr. Florival, porque não simpatiza com o Silves, venha prejudicar o grupo todas as vezes que lhe metem uma bandeira na mão: há uma avançada do Silves, que pode redundar em golo, e pronto, corta-se essa avançada por hipotético fora de jogo que o sr. Florival assinala... Há uma rasteira dentro da grande área a um avançado do Silves, que levava a bola, ou uma mão deliberada de um defesa a evitar golo e o sr. Florival fica impávido e sereno sem erguer a bandeira... E até os simples cantos quantas vezes não são transformados em bolas fora pelo sr. Florival! Se o árbitro está atento e é imparcial manda marcar o castigo devido mesmo contra o parecer do sr. Florival, como já tem acontecido por várias vezes, mas se o árbitro é da força do sr. Figueiras o sr. Florival faz o que lhe apetece e ainda lhe sobra tempo.

Bom seria que houvesse uma fiscalização séria ao trabalho dos árbitros e dos *liners* em todos os desafios, com sanções para aqueles que por inépcia ou maldade prevenciam.

De resto, os clubes, quer os grandes, quer os pequenos não podem estar à mercê da simpatia ou antipatia deste ou daquele juiz de linha, deste ou daquele árbitro. Se o árbitro tem plenos poderes adentro do rectângulo bom será que também tenha responsabilidades compatíveis com os poderes que lhe são atribuídos.

O melhor homem em campo foi, sem dúvida o interior Tomé, do Aljustrel, e o pior, Vitor, do Silves. Quanto a nós, nem o facto de ter sido Vitor a autor do golo da vitória, o redime do que fez em todo o desafio. Vitor é esforçado mas isso

não chega. E' preciso jogar-se com os pés e com a cabeça e, sobretudo com cabeça. — C.

Lusitano, 3 — Despertar, 2

Um jogo que podia ter terminado, sem favor, com um resultado de seis ou sete bolas, foi transformado pela letárgica equipa pombalina, num final tangencial.

O Lusitano, se nalguns lances não teve «chance» — lembremos a primorosa jogada de Vitoriano que, sem deixar cair o esférico no solo, «driblou» uma defesa e depois o próprio guarda-redes, acabando por atirar, em arco, para a baliza deserta, encontrando a bola na sua trajectória, sobre a linha de golo, uma defesa que em corrida louca, sem mesmo ver a bola, esta lhe bateu no alto da cabeça, indo para fora — noutros (a maior parte) foi a falta de pericia, a apatia, etc., etc., que obstaram à concretização de um resultado robusto e sem história.

Aos jovens encarnados, muito lentos sobre a bola, nem os seus próprios tentos os entusiasmassem, animando-os nas arremetidas às balizas contrárias. O trabalho de Cassiano, esforços próprios de um técnico que se preza, caem por terra com uma equipa que se apresenta em campo, ou erradamente confiada num valor que presentemente não existe, ou antecipadamente derrotada sob o ponto de vista moral. Desta maneira, só um grande trabalho psicológico poderá reconduzir o Lusitano ao plano em que devia estar.

Dos encarnados, o mais regular foi Gonçalves. O trabalho do sr. Jacques Matias, sem ter sido isento de erros, satisfaz.

Conclui na 4.ª página

Campeonato Nacional da II Divisão

OS «SPUTNIKS» I e II atingiram já as suas órbitas...

Lisboa, Évora e Portimão disputam a primazia do 'bólide' III...

Olhanense, 6 — Serpa, 0
 Parra, 3; Ângelo, 2 e Sílvia

A exibição foi tão clara de mérito, tão nítida de valor, que mesmo os que não «queriam ver» a admiraram... O Olhanense passeou no domingo, em grande gala, pelo Estádio Padinha, o seu futebol artístico. Deu espectáculo! Foi um tratado em «100 x 75» da arte de bem jogar — um só bloco, a definir uma equipa.

Faltou-lhe a relva para que os diagramas do seu «association» tivessem mais fundo, mais suavidade e maior beleza.

Toda a «engrenagem» do grupo viveu uma articulação perfeita, sem atritos, desenhando a pulso firme os mais elegantes segmentos do futebol sul-americano.

Transportando a bola da meia defesa para a grande área, em «rendez-vous» preciso, do esférico para o jogador, o Olhanense foi uma equipa de bom plano.

A eloquência do seu jogo faltou, talvez, mais golos. Mas o futebol, se esquecermos por um momento a competição, não é só golos, tem na bola o «cérebro» e, conquanto tenha na rede a finalidade, nem tudo deve ser miragem...

Futebol imenso de golos deixa de ser futebol, esmaga, dilue, torna-se «debacle», «esmagamento» — «fuzilamento» do adversário.

Deste modo, sem grande «score», o Olhanense foi uma equipa que venceu e convenceu sem «cilindrar», a despeito dos números do «placard» tomarem expressão e o espectáculo não perdeu o interesse no seu puro entrecho, pois o Serpa,

sempre de pé, só se deu por vencido quando as forças o traíram e o seu latinismo olhou os dígitos da marca.

Olhão recebeu nesta tarde do Olhanense o maior jogo de Olhão de 1958!

Quanto ao Serpa, a equipa lutou em bom plano e só fez «hara-kiri» por sistema usado da elasticidade imposta para os «cabelos brancos» de certos nomes do seu «quadro». A breve trecho da luta, o ritmo irrequieto dos dianteiros «rubro-negros» tinha reduzido a um «tudo-nada» o espírito de estoicismo dos serpens, a defender a queda vertical das suas aspirações de alentejanos.

Nomes a citar: toda a equipa, se bem que com notas de relevo para Parra, intemerato rematador, Costa, em nítida afirmação de melhor extremo algarvio, e Alfredo, cada vez mais adaptado ao lugar n.º 2.

Quanto à arbitragem de Macedo Pires (valha-nos Deus, senhores críticos), foi boa para quem percebe de arbitragens e já «apitou» — boa e digna desta tarde monumental de futebol.

Montemor, 1 — Farense, 5
 Queimado, 2; Remígio, 2 e Tarro

O Farense firmou, também, no domingo a sua qualificação, recebendo o «brevet» para a fase final.

Quanto isto nos orgulha e quanto vem pôr os olhos vessos a certa gente, de onde Portugal é mais Portugal.

A equipa teve as naturais dificuldades dum «leader», que visita uma equipa já «condenada», dificuldades que duraram o tempo de meio tempo...

Depois, os golos em «chuva» e em volume tal constituíram o «banho», como diriam os brasileiros, que ficou pelo mais volumoso «score» extra-muros do «Leões de Faro».

Ao fim e ao cabo, se fizermos bem o inventário dos acontecimen-

Conclui na 4.ª página

BASQUETEBOL

Campeonato Distrital — 9.ª jornada

C. D. «Os Olhanenses», 56
 S. C. Olhanense, 20
 (ao intervalo 32-12)

CDO: Simões (5), Luís do Ó (25), Serro (4), Relvas (9), Guedes (10), Serrano (2), A. Madeira (1).

SCO: Correia-Flávio (7), Costa-Cipriano (2), Martins (4), Falcão-Pité (7).

Árbitro: Manuel Adanjo Inácio. Marcador: Hernâni Patrocínio. Cronometrista: Humberto M. Sousa.

G. C. Olhanense, 42 — S. L. Faro, 36
 (ao intervalo 16-15)

GCO: Faísca-Oscar (4), Pinto (30), Lázaro (2), Gonçalves (6), Frazão.

SLF: Alexandre (4), Pinto (8), André-Xavier-Fontainhas (4), Reis-Cavaco (7), Jorge (15), Carvalho.

Árbitro: Gilberto Ferreira. Marcador: Joaquim Jacinto Santos. Cronometrista: António Nascimento Pité.

Lusitano F. C., 28
 C. F. «Os Bonjoanenses», 19
 (ao intervalo 22-6)

LFC: Pinheiro (2), Belião (4), Albano-Branco (7), Andrade (9), Carro-Gavino (4), Leal (2).

CFB: Cunha-Cruz (6), Ferreira (1), Jesuíno (4), Adelino (6), Bernardino (2).

Árbitro: Mário J. Marcelino. Marcador: Joaquim Gomes Néné. Cronometrista: José J. O'Brien Oliveira.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
«Os Olhan.»	8	8	0	0	373-207	24
Farense	7	6	0	1	342-207	19
S. C. O.	8	4	0	4	237-292	15
«Os Bonj.»	7	3	0	4	280-288	13
Lusitano	8	1	2	5	237-274	12
S. L. e Faro	8	2	0	6	280-387	12
G. C. O.	8	1	2	5	216-316	11

O Ginásio C. Olhanense e o Sporting C. Olhanense têm uma falta de comparência.

Jogos para amanhã

S. C. Olhanense - Ginásio C. O., Campo A. Gouveia, Olhão; S. C. Farense - C. D. «Os Olhanenses».

Conclui na 4.ª página

Campeonato Distrital de Juniores (2.ª fase)

SPORTING CLUBE OLHANENSE

campeão Distrital de Júniores

Com a vitória de Lagos, o S. C. Olhanense selou da melhor maneira a sua bela vitória, sem derrotas, da 2.ª fase do campeonato distrital de juniores de 1957/58, sendo, assim, o digno representante algarvio ao Nacional deste ano.

Resultados de domingo:
 S. C. Farense, 5 — Silves F. C., 1
 C. F. Esperança, 1 — S. C. Olhan., 1

Campeonato Nacional da II Divisão

OS «SPUTNIKS» I e II atingiram já as suas órbitas...

Lisboa, Évora e Portimão disputam a primazia do 'bólide' III...

Olhanense, 6 — Serpa, 0
 Parra, 3; Ângelo, 2 e Sílvia

A exibição foi tão clara de mérito, tão nítida de valor, que mesmo os que não «queriam ver» a admiraram... O Olhanense passeou no domingo, em grande gala, pelo Estádio Padinha, o seu futebol artístico. Deu espectáculo! Foi um tratado em «100 x 75» da arte de bem jogar — um só bloco, a definir uma equipa.

Faltou-lhe a relva para que os diagramas do seu «association» tivessem mais fundo, mais suavidade e maior beleza.

Toda a «engrenagem» do grupo viveu uma articulação perfeita, sem atritos, desenhando a pulso firme os mais elegantes segmentos do futebol sul-americano.

Transportando a bola da meia defesa para a grande área, em «rendez-vous» preciso, do esférico para o jogador, o Olhanense foi uma equipa de bom plano.

A eloquência do seu jogo faltou, talvez, mais golos. Mas o futebol, se esquecermos por um momento a competição, não é só golos, tem na bola o «cérebro» e, conquanto tenha na rede a finalidade, nem tudo deve ser miragem...

Futebol imenso de golos deixa de ser futebol, esmaga, dilue, torna-se «debacle», «esmagamento» — «fuzilamento» do adversário.

Deste modo, sem grande «score», o Olhanense foi uma equipa que venceu e convenceu sem «cilindrar», a despeito dos números do «placard» tomarem expressão e o espectáculo não perdeu o interesse no seu puro entrecho, pois o Serpa,

sempre de pé, só se deu por vencido quando as forças o traíram e o seu latinismo olhou os dígitos da marca.

Olhão recebeu nesta tarde do Olhanense o maior jogo de Olhão de 1958!

Quanto ao Serpa, a equipa lutou em bom plano e só fez «hara-kiri» por sistema usado da elasticidade imposta para os «cabelos brancos» de certos nomes do seu «quadro». A breve trecho da luta, o ritmo irrequieto dos dianteiros «rubro-negros» tinha reduzido a um «tudo-nada» o espírito de estoicismo dos serpens, a defender a queda vertical das suas aspirações de alentejanos.

Nomes a citar: toda a equipa, se bem que com notas de relevo para Parra, intemerato rematador, Costa, em nítida afirmação de melhor extremo algarvio, e Alfredo, cada vez mais adaptado ao lugar n.º 2.

Quanto à arbitragem de Macedo Pires (valha-nos Deus, senhores críticos), foi boa para quem percebe de arbitragens e já «apitou» — boa e digna desta tarde monumental de futebol.

Montemor, 1 — Farense, 5
 Queimado, 2; Remígio, 2 e Tarro

O Farense firmou, também, no domingo a sua qualificação, recebendo o «brevet» para a fase final.

Quanto isto nos orgulha e quanto vem pôr os olhos vessos a certa gente, de onde Portugal é mais Portugal.

A equipa teve as naturais dificuldades dum «leader», que visita uma equipa já «condenada», dificuldades que duraram o tempo de meio tempo...

Depois, os golos em «chuva» e em volume tal constituíram o «banho», como diriam os brasileiros, que ficou pelo mais volumoso «score» extra-muros do «Leões de Faro».

Ao fim e ao cabo, se fizermos bem o inventário dos acontecimen-

Conclui na 4.ª página

Movimento associativo

Sporting Clube Farense

Os novos corpos gerentes do Sporting Clube Farense, eleitos na última Assembleia Geral, são os seguintes:

Assembleia Geral: capitão Matias de Freitas Guimarães, capitão Mário Lopo do Carmo, António dos Santos e Julião Elias Pestana.

Direcção: dr. Júlio Sancho, António Correia Baptista, Manuel Joaquim Madeira Xabregas, Aníbal Guerreiro (filho), Adriano Cardoso Guerra, Artur Aguedo Neto, António Emídio Centeno, Rogério Filipe Rosário Camões e Eusébio de Sousa Domingos.

Conselho Fiscal: dr. Júlio Filipe d'Almeida Carrapato, José Alexandre da Fonseca e Amílcar Nepomuceno Fazenda.

Presidente do Conselho Geral: dr. António Teixeira Marques.

Clube Desportivo «Os Olhanenses»

Em Assembleia Geral do Clube Desportivo «Os Olhanenses» foram eleitos os seguintes corpos gerentes para o corrente ano:

Assembleia Geral: Alexandre de Sousa Campina, José João Coelho, Fernando Augusto Ferreira e Manuel Luciano Pité.

Direcção: José Fernandes Lisboa, José Pargana, Francisco Viegas dos Reis, José Raminhos Correia Dourado, José Américo dos Santos, Hostílio João Peres Gomes, Francelino Pedro Rodrigues, Arguelino Décio de Castro, Jorge Correia Dourado e João Augusto Frederico.

Conselho Fiscal: Diamantino Augusto Piloto, Joaquim Carlos Silvestre e Luciano Duarte Russo.

MICROMOTOR, LDA.
 FILIAL DE FARO
 Largo do Mercado, 60
 Telefone 733

Apresenta a melhor bicicleta motorizada

SETA
 com motor
H M W
 3 VELOCIDADES
 Grandes facilidades de pagamento

Necessita-se agente em Vila Real de Santo António

Máquinas «SINGER»
 DESDE 1.000\$00
 RESTAURADAS

Dirigir-se a: RUA SOUSA MARTINS, 62-64
 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BARDAHL



ERA TUDO TÃO SIMPLES

SEUS olhos, de noite, com um pingo de luar em cada retina sorriram à criança grande e depois mergulharam na atitude posticadamente superior dos deuses do quotidiano. Depois sentou-se à secretária e escreveu um poema.

A criança grande sorriu, a princípio. Ficava sempre contente quando nascia um poema nas mãos do poeta. Era assim como se acendesse mais uma grande estrela no céu e ela só era feliz quando via o céu alheio todo cheio de luz. Às vezes até se esquecia de que dentro de si tudo era noite. Uma noite tão cerrada que até os pirilampas resultavam inúteis. Mas isso não tinha importância.

Afinal de contas, para que queria ela, que não era poetisa, a luz dos poetas? Aquelas grandes luzes num céu teórico cheio de estrelas e flores e brisas; um céu em que não havia ódios, nem rancores e tudo era perdão. Um céu em que as pessoas entravam tal como eram, porque os poetas tudo aceitam e entendem e neles tudo é transparente como a água e as lágrimas das horas de solidão?!

por MARIA ROSA COLAÇO

Verdade que ela só vira estas coisas, escritas em tinta azul nos papéis. Mas os poetas têm uma maneira muito especial e muito sua de se fazerem bons e de se rodearem de claridades que ninguém vê. Ninguém, é verdade. Quando as pessoas estão cansadas de escuro, procuram os tais poetas e esperam um bocadinho de luz. Mas qual! Nessa altura está sempre a instalação avariada e eles não acodem, por mais que a gente grite. Mas insistem em dizer que são diferentes, lá isso...

A criança grande achava estas coisas bastante estranhas, mas havia tantas, tantas que ela nunca podia entender!

Por exemplo, daquela vez em que, sem mais nem mais, ficou grande, vestida de ternura e deslumbramento, e beijou as pessoas, convencida de que um beijo, quando nos chamam irmãos e somos poetas, era uma coisa tão natural e branca como um junquinho ou uma gaiivota.

Depois, atiraram-lhe muitas pedras. Tantas, tantas, tantas que acabou por não as sentir. Adormeceu num cantinho fofo de lágrimas e sangue quente e só no outro dia é que despertou e entendeu tudo. Numa mão nascera-lhe um gesto de perdão, na outra um sorriso

novos. Das pedras nasceram rosas. Mas ela não foi santa, nem fez milagres. Todos os dias trabalhava para almoçar e jantar, ia ao cinema e pregava a sua partida de vez quando. Era imensamente feliz por ser igual a toda a gente, até nos pequenos defeitos. Oh! La Belle Jeunesse!

Contente, sim, mil vezes contente, porque sempre depois de se beijar o pó do chão é que se descobre que o sol tem novos tons de ouro e a serra dois longos braços verdes, pronta a afagar-nos.

Desistira de entender as pessoas, cansada das suas exigências e das suas maldades. No fundo, amava-as como sempre e era capaz de revolver tudo para que elas encontrassem o tal céu com muitas estrelas amarelas. Fazia isso em silêncio, mas essa era a melhor maneira, era sempre a sua melhor maneira de exprimir tudo, de incluir tudo numa realidade mais larga, numa

dignidade mais humana. No dia das pedradas até coisas sujas lhe atiraram para as intenções e para os gestos, como se alguma vez ela se tivesse dado à extravagância de uma ideia menos clara. Ela que gostava tanto dos pingos de luar que as coisas todas, até as feias, tinham dentro de si e os olhos dos poetas também. Era tudo tão simples, no final de contas! Era tudo tão simples!

Ah! que viesse um vento duro limpar, numa vez para sempre, os vidros embaciados dessas almas de poeta e pusesse a flutuar as suas cortinas de sangue; que um vento viesse atear os incêndios em hibernação oculta e arrancar as palavras de pedra que podiam antes servir para apedrejar as horas da utilidade frustrada!

Ah! que um vento viesse limpando todos os corredores e todos os destroços inúteis até que a grande casa fosse habitável e uma aurora simples nos visitasse a todos com o seu corpo desganhado e puro!

A criança grande, toda vestida de serenidade como um pássaro de pedra, apeteceu-lhe dizer isto quando o poeta de olhos de luar e pingos de noite na retina, lhe sorriu do alto do pedestal divino do seu quotidiano. Mas não era poeta. Era uma pessoa rude, que só dizia a verdade. E não disse nada.

Fechou as suas pálpebras escuras, como uma grande borboleta nocturna e, com um sorriso que ninguém entende, ficou riscando a areia fria do tempo.

ESTÁ EM RISCO de desaparecer A BANDA DE TAVIRA

VIMOS no nosso prezado colega «Povo Algarvio» uma local em que se diz que corre o risco de desaparecer a banda da vizinha cidade. Confessamos que nos sentimos confrangidos com esta triste nova. Pouco a pouco vão desaparecendo as nossas filarmónicas, verdadeiras escolas de arte e de civismo, que ainda não há muitos anos mobilizavam o interesse e a simpatia públicas. É desolador o que se passa! Tudo o que pode embebezar e engrandecer a vida vai ruindo neste ambiente saturado de materialismo que se encapota, às vezes, num varino de espiritualidade tão esfarrapado que deixa ver as suas mazelas.

Ao apelo do nosso colega tavirense juntamos o nosso — não deixem morrer a Banda de Tavira que tanto prestigiou a cidade e que chegou a atingir um nível que nos orgulhou, a todos nós, algarvios, especificamente algarvios sotaventinos.

ELECTRICISTA DE AUTOMÓVEIS

Oferece-se, com longa prática. Bobinagem, reparações, etc. Carta à Rua Álvares Botelho, 25 — TAVIRA.

Funcionalismo público

Foi provido definitivamente no seu actual cargo, o escritório de 2.ª classe do comando distrital da P. S. P. de Faro, sr. Manuel das Mercês Hortêncio Silva Furtado.

— Pode ser requerido, em provimento interino por diplomados em Direito, o lugar de conservador dos Registos Civil e Predial de Monchique (julgado municipal de 3.ª classe).

— Pela Câmara Municipal de Faro foi aberto concurso documental para o provimento do lugar de médico do partido municipal com sede e residência obrigatória na freguesia de Santa Bárbara de Nexe, daquele concelho.

Pára-raios

Não comprem sem consultar os meus preços, que são sem competência

Faço instalações desde há trinta anos, com pessoal habilitado, empregando o melhor material que até hoje se fabrica.

Orçamentos grátis para qualquer parte do País e tenho aparelhagem moderna para vistoriar os mesmos, depois de instalados

Dirigir a

HELIODORO VALENTE
Telefone 21 **OURIQUE**

NECROLOGIA

D. Gertrudes do Carmo Valongo

Constituiu sentida manifestação de pesar o funeral, realizado em Portimão, sua terra natal, da sr.ª D. Gertrudes do Carmo Valongo, de 78 anos, viúva, mãe da sr.ª D. Ana Valongo Rodrigues e dos srs. Salvador Valongo, despachante da Alfândega, e Armindo Duarte Va-

longo, motorista marítimo; sogra das srs.ª D. Maria Catarina Camarinha Valongo e D. Rosa Valongo e do sr. José Gonçalves Rodrigues, delegado do «Diário do Alentejo», em Lisboa; cunhada da sr.ª D. Maria Valongo Barroso, casada com o sr. António Barroso, e do sr. Joaquim Duarte Valongo; tia das sr.ªs D. Ana Maravilhas, D. Ana Valongo Barroso Sequeira, casada com o sr. José Sequeira, solicitador, D. Maria Valongo Cunha e D. Rosa Valongo e avó das sr.ªs D. Maria Augusta Valongo Rodrigues Silva, D. Olga Valongo Rodrigues Ribeiro e D. Anabela Camarinha Valongo e dos srs. José Valongo Rodrigues e Emílio Valongo Rodrigues, residentes em Lisboa, e do menino Joaquim Valongo, de Portimão.

A família enlutada os nossos pésames.

D. Rita da Conceição Santos

Em Faro, com grande acompanhamento, realizou-se o funeral da sr.ª D. Rita da Conceição Santos, de 70 anos, viúva, mãe dos srs. Arnaldo N. Santos, industrial e exportador de cortiça e João dos Santos Júnior, funcionário da Direcção de Finanças, sogra das sr.ªs D. Cesaltina Guerreiro Santos e D. Lucília Carapucinha, avó da menina Maria Justina Guerreiro Santos, aluna da Escola do Magistério Primário, irmã do sr. José Lourenço Barão e tia do nosso director e da sr.ª D. Maria José Barão Teixeira.

Senhora muito bondosa e de singulares virtudes, o seu passamento causou grande consternação em todos que a conheciam.

Os nossos sentidos pésames à família enlutada.

Também faleceram:

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — onde residia, a sr.ª D. Maria Viegas, de 85 anos, viúva, natural de Conceição (Tavira).

— a sr.ª D. Bernardina de Sousa Fernandes, de 69 anos, natural da mesma vila, mãe do sr. Júlio Gomes.

Em MONTE GORDO — o sr. Agostinho do Brito, de 59 anos, marítimo, natural daquela praia, onde residia.

Em LAGOS — o sr. José João Mestre, de 62 anos, pai do acordeonista sr. António Mestre.

Em CACHOPO — o sr. João Torres de Matos Casaca, de 77 anos, viúvo, farmacêutico e comerciante, irmão da sr.ª D. Rosa de Matos Correia, tio das sr.ªs D. Alda Camila de Matos Correia e D. Flora Maria de Matos Correia e dos srs. dr. José de Matos Correia e eng. Eduardo de Matos Correia, director da R. T. V. do Norte, e por afinidade da sr.ª D. Mariana de Brito Lopes.

Na COVA DA PIEDADE (Almada) — o sr. Acácio Guerreiro, de 75 anos, natural de Silves, casado com a sr.ª D. Inácia Correia Guerreiro, pai das sr.ªs D. Maria e D. Catarina Correia Guerreiro e do sr. António Correia Guerreiro.

— a sr.ª D. Olímpia das Dores, de 71 anos, natural de Silves, mãe das sr.ªs D. Leonilde e D. Aurora da Silva e dos srs. Luís da Silva e Aquilino das Dores Mourinho.

As famílias enlutadas apresenta *Jornal do Algarve* sentidos pésames.

O Ensino no Algarve

Escolas técnicas

Foi publicada no Diário do Governo a relação graduada dos candidatos ao provimento nas vagas de escriturário de 2.ª classe da Escola Industrial e Comercial de Lagos.

— Foi contratado, por conveniência urgente de serviço, para o cargo de mestre da oficina de electricidade da Escola Industrial e Comercial de Faro o sr. Fernando da Costa Castro.

— A seu pedido, foi rescindido o contrato do servente da mesma Escola, sr. Armando Porfírio Romão, que foi provido noutra cargo público.

Postos escolares

Foi transferida para o posto escolar de Gramacho, freguesia de Estômbar (Lagoa) a regente do posto escolar de Mexilhoeira Grande (Portimão) D. Maria Alzira de Oliveira Pinto.

— Foram criados os postos escolares mistos de Taçóes, freguesia de Pereira (Alcoutim) e de Rio Seco, freguesia e concelho de Castro Marim.

DESPORTOS

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Conclusão da 3.ª página

tos da hora e meia, concluiremos, facilmente, que quatro golos de margem não são um abismo ousado para definir os 12 «degraus» que separam duas equipas de «figurino» idêntico. A citar, os nomes de Tarro, Queimado e Bento.

Montijo, 2 — Portimonense, 1

Golo de Camarinha

Os simpáticos barlaventinos continuam a lutar pela selecção, com vista ao trio da fase final e nem tudo está perdido (digamos), depois de «Luís Fidalgo».

O «penalty» foi a machadada, o segundo golo a angústia. Todavia, o grupo não perdeu o rumo à sua posição e teve talento para reduzir a diferença, a golo de Camarinha.

Quanto a nós, o Portimonense não é ainda uma equipa eliminada nas suas pretensões de 3.º classificado, tanto mais que dos três pretendentes é aquele que reúne maior soma de jogos no seu Estádio.

A haver um empate entre Portimonense e Juventude teríamos o seguinte xadrez:

Portimonense 1 1 0 2-2 2 p. (49-50)
Juventude . . 1 1 0 2-2 2 p. (38-34)

Como os grupos têm golo-«average» íntimo igual, passaria a prevalecer o golo-«average» total com favoritismo para o Portimonense.

Porém, se o Atlético surgir na contenda — como «3.º homem» — a coisa tornar-se-á impossível para o Portimonense, visto que em «trio»:

ATLÉTICO. 4 3 1 0 7 pontos
Juventude . 4 1 1 2 3 pontos
Portimon. . 4 1 0 3 2 pontos

e o Atlético ficará apurado e Lisboa atirará, então, o «bólide III» para a «estratosfera» da fase final...

Todavia, até lá nem tudo está perdido.

Jogos para amanhã

FARENSE-JUVENTUDE

O Juventude deve visita e desforra ao «Leões de Faro», descendo a «S. Luís» como único grupo a que o Farense não venceu ainda, em 1958.

Além disto, traz na «bagagem» a «tese» de 5.º classificado, fazendo-a prevalecer a poder de «breaks», impostos pela sua estratégia, na miragem do empate de «ouro» que seria ideal.

Apesar de tudo, a vitória algarvia levará de vencida os juventudistas e o seu eco chegará a Portimão...

PORTIMONENSE-OLHANENSE

Jogo fraterno, em que os dois comprovincianos vão esquecer tudo. O 1.º e 5.º lugares em causa, nesta hora e meia, torná-los-á autênticos desconhecidos e rivais, desde o primeiro ao último minuto.

Duas defesas certas e meias defesas de bom quilate, estabelecem o equilíbrio de vontades e de forças. Já os ataques, em breve análise,

diferem imenso, entre si, e neste pormenor deve estar a chave da hora e meia.

António A. Santos

Campeonato Nacional da III Divisão

Conclusão da 3.ª página

Desportivo, 6 — Moura, 3

Não sabemos o motivo que levou o árbitro a dar a primeira parte como terminada quando apenas haviam decorrido 37 minutos de jogo regularíssimo. E quando o justíssimo clamor de protestos devia ser devidamente considerado por representar a justa expressão da verdade, os jogadores recolheram à cabine para descanso.

O Desportivo teve o triunfo algo facilitado demasiadamente pela inépcia do guarda-vizitante, sem colocação e muito adiantado no terreno, não sustentando os remates desferidos pelos dianteiros locais, onde C. Ferreira e Morgadinho com permutas bem delineadas se esgueiravam subtilmente criando embaraços constantes à defesa alentejana.

A partida não obstante o terreno traçoireiro e pegajoso teve momentos de futebol limpo e fulgurante e o Moura teve oportunidade de desbobinar um padrão de jogo ofensivo muito bem conduzido pela sua linha média, mas quando a avançada entrava em acção normalmente o n.º 10 — esforçadíssimo mas inofensivo — não tinha talento para concretizar, fazendo o mais difícil, pontapear para as mãos do guarda-vizitante ou pela linha de cabeceira.

Em suma, o desafio correspondeu à expectativa: O Moura procurando manter a posição que tem na classificação geral e o Desportivo na ânsia de rectificar os resultados das primeiras três jornadas, e sobretudo, fugir ao incómodo lugar de «lanterna vermelha».

A arbitragem, além da fraude de que o público foi a vítima, situou-se num plano de mediocridade. — C

S. Domingos, 3 — Unidos, 5

Nos primeiros minutos do encontro o Unidos sofreu um tento confirmado pelo *liner* «para fazer jeitos». Numa reacção formidável, o Unidos chegou ao fim da primeira parte com o resultado expressivo de 5-1 a seu favor. Na segunda parte, a equipa algarvia remeteu-se ao jogo defensivo o que prejudicou a sua manobra global. Gralho (5), J. António e Jaruga foram os marcadores. A linha avançada lembrava cinco afinados violinos com o talentoso Jaruga a colocar o esférico nos pés dos marcadores. Num campo enlameado a opinião é unânime: uma grande equipa em rodagem para altos vãos. — C.

Jogos para amanhã

UNIDOS (7 p.) - SILVES (8 p.)
Aljustrelense (3 p.) - LUSITANO (3 p.)
Desperta (2 p.) - DESPORTIVO (3 p.)
Moura (4 p.) - S. Domingos (4 p.)

Não anunciar o que se deseja vender constitui um atraso. Anunciar mal é tão caro e tão estéril como semear na areia ou na estepe.

DENTRO DUM PEQUENO ESPAÇO

ENCONTRARÁ CONCENTRADOS TODOS OS ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS A UM CONTROLE RÁPIDO E SEGURO DAS SUAS CONTAS

SIDEX

GABINETE DE CONTABILIDADE

AV. GEN. ROÇADAS, 74 C.F. - T.843965 - LISBOA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE COM TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

SEM COMPROMISSO PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

Sírvam-se V. Ex.ªs colher informações nas firmas do Algarve que já possuem as nossas montagens:

Em Vila Real de Santo António:

Centro Comercial de Combustíveis, Lda.
Ernesto Duarte Gráfica do Sul
José António Rilla
Pilotos & Capa
Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª
Raul Polque & Filhos, Lda.
Soliva-Sociedade de Litografia e Vazio, Lda.
Soc. Acc. Angelo Parodi Eu B.ººº
V.ª Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.ª, Lda.

Em Olhão:

José Pedro Ladeira, Lda.
M. Rodrigues Pereira

Em Faro:

Empresa do Sul de Produtos Químicos, Lda.

Além destas importantes firmas, contam-se por centenas de instalações as espalhadas por todo o País.

MOTIVO ESSENCIAL QUE COMPELE O ATUM ADULTO A EMIGRAR

Conclusão da 1.ª página

Admitimos, portanto, que se o atum no estado inicial de maturação, não se movimentasse daquela forma, as suas ovas não se desenvolveriam e, assim, elas abortariam, não podendo fazer-se a expulsão e fecundação dos seus óvulos.

Necessita, pois, o atum adulto, quando começa a estar ovado, de se movimentar intensamente, de forma intermitente ou contínua, para que, naturalmente, possa cumprir a importante missão fisiológica relativa ao fenómeno da desova, ou seja a postura dos ovos no meio propício.

As águas mais temperadas, a salinidade destas e tantos outros factores naturais que, para dada população de atum, se conjugam com o fenómeno fisiológico da desova, são, a nosso ver, factos coincidentes com esse fenómeno e que, desta forma, em nada compele à necessidade imperiosa da movimentação deste esbelto e corpulento filho do mar, ou seja ao fenómeno da migração genética e errática.

A Natureza, sempre providente, teve o cuidado de instalar uma dada população de atum num mar ou oceano e, consequentemente, não descurou o facto de lhe conceder, a certa distância, as águas adequadas ao efeito do fenómeno físico da desova ou postura.

E parece-nos que assim deva ser, se ponderarmos que se não afigura lógico, nem racional, que os indivíduos de dada população de atum — sita esta na parte central do Oceano Atlântico, por exemplo, e, portanto, a alguns milhares de milhas de distância das costas que enfrenta pelo lado do Oriente — sintam a injustificada e imperiosa necessidade de se deslocarem até junto dessas costas para efeito da postura dos seus óvulos.

Se assim sucedesse, as águas contíguas às costas orientais daquele oceano, talvez que não comportassem, com o necessário à vontade, a imensidade, sem conto, de atum que a elas acorreria, na época própria, de todos os pontos deste importante oceano em que existam populações deste peixe, para efeito daquele fenómeno fisiológico, — a desova.

Não é lógico, natural e racional que assim seja.

As costas frequentadas pelo atum adulto são as que enfrentam o Ocidente

Os indivíduos das populações que residam próximo das costas, que lhes fiquem ao Oriente, atingirão, possivelmente, estas costas no seu movimento migratório para Leste, ao passo que os seres de tantas outras populações, que vivam muito distantes do litoral que lhes está ao Nascente, depois de se deslocarem intensamente, de forma intermitente ou contínua, para efeito do conveniente desenvolvimento das ovas,

Moagem de Ramas em Moncarapacho

Vende-se ou arrenda-se em plena laboração, equipada com motor de 40 H. P., a gasóleo, novo, 2 caçais de mós francesas e demais utensílios indispensáveis.

VACINAÇÃO contra a febre catarral DOS OVINOS (LÍNGUA AZUL)

É DIGNA do maior louvor a actuação dos médicos veterinários na luta contra a grave epizootia de «Língua Azul» que atacou os ovinos ao sul do Tejo, onde dizimou muitos milhares de cabeças.

O Algarve embora tenha escapado às primeiras investidas da doença, teve prejuízos no seu rebanho para cima de um milhar de cabeças, e maior seria, se porventura não se tem vacinado com tanta rapidez e na altura própria o efectivo existente.

Tomando em linha de conta os magníficos resultados obtidos com a vacinação preventiva dos rebanhos existentes contra esta doença, e na impossibilidade teórica de se considerar debelada dum todo, tão grave epizootia, vão-se manter no corrente ano as medidas de policia sanitária que vinham a vigorar — vacinação dos rebanhos contra a «Língua Azul», e regulamentação do trânsito de ovinos.

Desta forma, inicia-se hoje no Algarve a nova campanha de vacinação. Por cada rebanho vacinado será passado pelo respectivo médico veterinário um boletim de vacinação que habilitará o proprietário ou possuidor dos animais a obter a guia sanitária de trânsito, sendo a partir de 15 de Maio proibido o trânsito de ovinos que não tenham sido vacinados, qualquer que seja o seu destino.

deverão, logicamente, realizar a postura dos óvulos no alto mar, em lugar propício ao efeito, e, portanto, longe das costas que enfrentam pelo lado de Leste.

Esclarecemos, todavia, que nos mares ou oceanos em que possam existir «quartéis de Inverno» em áreas que enfrentem pelo Ocidente, a pequena distância, dadas costas, os locais da desova ou postura correspondentes a esses «quartéis», situar-se-ão no alto mar e a uma muito maior distância dessas costas do que aquela a que estão as respectivas populações ou «domicílios de Inverno».

Assim, as costas voltadas ao Oriente, embora possam dispor de imensas e importantes populações de atum ao longo delas, terão as «áreas de desova ou postura» a uma maior distância delas do que as respectivas populações ou «domicílios de Inverno», pelo que não deverão ser frequentadas pelo atum, quando da sua «corrida de direito», a qual se fará para o mar, afastando-se assim cada vez mais dessas costas.

Admitimos que o contrário sucederá com a «corrida de revés», que se fará em direcção àquelas costas e até às respectivas populações, que ficam perto delas, podendo acontecer que durante essa «corrida» alguns atuns excedam os locais dessas populações; atingindo assim as proximidades das costas respectivas, por motivo de fenómenos que não parecem fáceis de explicar.

Admitimos ainda que, ao chegar às respectivas populações, o atum permaneça algum tempo próximo da superfície do mar, antes de iniciar a sua descida migratória para os supostos fundos de hibernação, o que denunciaria, decerto, a sua presença temporária nestes locais, permitindo assim a sua captura.

Atento o exposto, conclui-se que as costas frequentadas pelo atum adulto maduro são aquelas que enfrentam o Ocidente ou que para ele estão voltadas. As outras, as que enfrentam o Oriente, não deverão ser frequentadas pelo atum ovado, mas sim, possivelmente, pelo atum «de revés» e, assim, já desovado, e no final da «corrida respectiva».

Mas esta frequência deverá ser fraca.

É esta a nossa inédita teoria sobre este importante assunto, a qual espera por judiciosa contestação ou confirmação científica, como parece merecer.

José Salvador Mendes

O próximo artigo versa: *Tropismos na vida dos peixes em geral e, em especial, na vida do atum.*

Círculo Comercial e Industrial de Olhão

Não é da autoria do nosso prezado correspondente em Olhão a local que inserimos acerca do Círculo Comercial e Industrial daquela vila.

NITRATO DE CAL

GRANULADO COM 15,5% DE AZOTO NÍTRICO

SULFATO DE AMÓNIO, NITRAMONCAL, FOSFATO TOMAZ, CIANAMIDA CÁLCICA, SUPERFOSFATOS, ADUBOS ORGÂNICOS — TIPO «PURGUEIRA», SULFATO DE COBRE — nacional e inglês

Pedidos à Sociedade Importadora

Estabelecimentos de Importação

Ernesto F. de Oliveira, S. A. R. L.

LISBOA

PORTO

R. dos Sapateiros, 15-1.º, Dto. Telefone 22478

R. Mouzinho da Silveira, 195-1.º Telefone 22051

PROPRIETÁRIOS!!!

ATENÇÃO!!!

«A CONFIDENTE» possui anexa à sua grande ORGANIZAÇÃO uma secção especializada em hipotecas sobre PROPRIEDADES, tanto em LISBOA como nos ARREDORES E PROVÍNCIA, ao juro da Lei. Transacções efectuadas desde 10 até 5.000.000\$00. Facilitam-se amortizações semestrais e anuais. Nada cobramos ao cliente, a título de vistoria ou deslocação. Os n/ 24 anos de existência garantem bem a boa regularidade dos n/ negócios.

A CONFIDENTE

(A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS)

LISBOA — ROSSIO, 3-2º
Telefs. 21591-30257-367765-367767

PORTO — R. PASSOS MANUEL, 14-1.º
Telefs. 28721-27011-31309-31729

A CÂMARA DE OLHÃO empenha-se

em valorizar o concelho

OLHÃO — Reuniu-se a vereação municipal, sob a presidência do sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, tendo sido deliberado: aceitar uma proposta para a realização das obras dos Paços do Concelho; tratar com a possível brevidade do delicado problema habitacional respeitante às classes pobres, cuja solução depende apenas do sr. ministro das Corporações; criar um parque florestal não só para recreio da população como também para fins educativos e físicos; e construir um balneário público, dependendo este melhoramento de se encontrar local conveniente.

Informam-nos que se estuda a construção de uma pousada nos arredores desta vila, o que muito valorizaria o turismo da zona do Sotavento que será beneficiado com o prosseguimento, este ano, da estrada de ligação à ilha da Armona, linda praia do nosso litoral.

Esta série de melhoramentos traz animados os olhanenses que desejam ver progredir a vila cubista, louvando todos a acção do sr. presidente do Município e dos seus colaboradores. — C.

— BARD AHL —

«MADRUGADA INDECISA»

novo romance de ALBERTO LOPES

Autor de «A ÚLTIMA ESTAÇÃO» (PRÉMIO EÇA DE QUEIROZ)

À VENDA NAS BOAS LIVRARIAS
Pedidos a LELLO & IRMÃO — EDITORES (PORTO)

O PRIMEIRO GRANDE DOCUMENTÁRIO

SOBRE O ALGARVE

ACABA de chegar à nossa província uma equipa de cineastas de Lisboa que deram já início às filmagens de um documentário a cores e em cinemascópio exclusivamente dedicado ao Algarve.

O filme que segundo temos conhecimento, começará com a evocação da «Nau Catrineta» do Cancioneiro Popular de Almeida Garrett — evocação obtida nos conhecidos frescos de Almada Negreiros — desbobinar-se-á em imagens aliciantes que darão toda a variedade de paisagem algarvia em várias épocas do ano, todas as riquezas do nosso património histórico, todo o esforço humano de vários tipos de trabalhadores da província e as expressões mais características do folclore tradicional.

A produção deste filme a cores e em cinemascópio, constituirá sem dúvida, o mais belo e expressivo cartaz desta província, não só junto de todos os portugueses, mas também de muitos estrangeiros, pois o documentário sairá além fronteiras.

Sob a direcção do realizador Fernando d'Almeida, a equipa percorrerá nestes dias alguns pontos na obtenção de imagens das amendoeiras em flor, depois de ter focado aspectos dos folguedos de Carnaval em Portimão e Loulé.

Há anos foi uma parte deste ribeiro devidamente tapada, sendo para tal construído um coletor para os referidos escoamentos.

Porque se encontra ainda descoberto, numa extensão talvez igual à que foi coberta, torna-se perigosa para a saúde a paralização de águas e dejectos em toda a extensão, com os inevitáveis mosquitos. Além disso as construções junto ao ribeiro, ultimamente têm sido feitas em ritmo acelerado.

E' pois de imperiosa necessidade que as entidades competentes tomem as urgentes providências que estes assuntos requerem, pois que na estação calmosa que se aproxima, tudo pior se tornará. — C.

PROPRIEDADE

Vende-se, no Barranco dos Fós (Alte), composta de alfarrobeiras e oliveiras. Tratar com José Maria Santos Calado, rua Rosa Damasceno, 13-2.º Dto.—Lisboa.

S. Bartolomeu de Messines

Perigo para a saúde pública — Há alguns meses vários moradores da Rua Cândido dos Reis desta localidade custearam a construção dum cano de esgoto que desagua num outro que já existia na traseira dos quintais do lado Sul da referida Rua. Como as águas sujas passaram a ter maior volume em face das novas ligações e o cano que já existia desagua no terreno junto aos citados quintais, resulta a paralização de todas as águas sujas e dejectos, que acabam por apodrecer, formando uma massa que se assemelha a alcatrão e exala pestilento e nauseabundo cheiro, originando nuvens de mosquitos, o que é perigo e incomodativo para a saúde pública.

— E' a parte Sul desta povoação, limitada por um ribeiro que serve de escoamento às águas fluviais e a todos os esgotos.

Há anos foi uma parte deste ribeiro devidamente tapada, sendo para tal construído um coletor para os referidos escoamentos.

Porque se encontra ainda descoberto, numa extensão talvez igual à que foi coberta, torna-se perigosa para a saúde a paralização de águas e dejectos em toda a extensão, com os inevitáveis mosquitos. Além disso as construções junto ao ribeiro, ultimamente têm sido feitas em ritmo acelerado.

E' pois de imperiosa necessidade que as entidades competentes tomem as urgentes providências que estes assuntos requerem, pois que na estação calmosa que se aproxima, tudo pior se tornará. — C.

MATERIAL DE AÇO PARA ESCRITÓRIO

SECRETÁRIAS

CADEIRAS

ARQUIVOS

FICHEIROS

SOCIEDADE

EQUIPAMENTO de

ESCRITÓRIO

LIMITADA

VISITE O N/ STAND PRAÇA dos RESTAURADORES-53-1º - TEL. 24986-LISBOA

UMA INDÚSTRIA NACIONAL

Agentes no Algarve:

António dos Anjos Ruivinho

Praça Marquês de Pombal, 23

Vila Real de Santo António

A Mecamoto Tavirense

Rua Alexandre Herculano, 23-25

Tavira

Simotex

Rua da Igreja, 30

Portimão - Loulé - Lagos - Silves

Eduardo da F. Salter de Sousa

Largo do Mercado

Faro



A sonda SIMRAD-Mestre

de visão panorâmica

A MAIS PRÁTICA E MAIS ECONÓMICA

COMPLETAMENTE ESTANQUE

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA

SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L.

— AGENTES EM TODO O ALGARVE —

ATENÇÃO PESCADORES E ARMADORES!

Fios de nylon e perlon contínuos de todas as grossuras e resistências, JAPONÊS, Alemão e Francês, para redes de pesca, etc.

FIOS DE ALGODÃO E REDES, assim como todos os artigos para a pesca.

Vende-se directamente ao pescador (Marítimo) qualquer quantidade e faz-se seguir por encomendas postais à cobrança.

Escrever ao depósito geral

Apartado 309, T. P. LISBOA

O Governo dará ao Baixo Alentejo o seu porto

Conclusão da 1.ª página

facular do novo sistema. Por isso há que estimular a nossa ambição no sentido de aproveitarmos ao máximo os recursos de que dispomos para que a nossa valia seja considerada, se tivermos que ingressar na comunidade económica europeia. Se nos conservarmos fora dela a luta terá que ser também dura. Isso impõe a mobilização de todos os recursos que nos garantam, não apenas a sobrevivência mas a elevação do nível de vida do nosso povo que todos sabemos anda muito por baixo.

Desde sempre e em toda a parte os transportes constituem um encargo oneroso para a mercadoria e casos há em que eles são mais caros que o próprio produto transportado. Daí que se recorra ao sistema transportador mais económico. E este é — o navio, o barco, o curso de água. Deram por isso, há séculos, quase todos os países de alémpirineus — a França, a Bélgica, a Holanda, a Alemanha, a Suíça, que são cortados por canais onde navegam enormes barcaças que a baixo preço movimentam milhões de toneladas de combustíveis, adubos, máquinas e todo o género de mercadorias. E até Paris, no interior de França, já tem um «porto de mar» onde carregam e descarregam pequenos navios costeiros que visitam os portos marítimos da Europa. A necessidade, a defesa contra a concorrência, obriga a evitar os encargos dos transportes caros.

Ora a construção do porto de Mértola, dependente da limpeza dos vãos do Guadiana, obras que não atingirão, julgamos nós, meia dúzia de milhares de contos, permitiriam uma economia enorme no dispêndio com transportes e facilitariam o escoamento e a recepção de mercadorias. E não há dúvida de que esta obra pode considerar-

VISITOU OBRAS

de hidráulica no Algarve
o sr. eng. Amaro da Costa

Conclusão da 1.ª página

Assim, esteve no aproveitamento do Odeáxere, obra já muito adiantada e que se espera esteja concluída em Maio, sendo já extensa a rede de canais que há-de ir regar os sapais de Alvor. O empreendimento é, no seu conjunto, admirável e sem favor pode dizer-se que ele honra a técnica e a mão de obra portuguesa.

Seguiram-se visitas os trabalhos da avenida marginal de Lagos, às importantes obras de defesa contra as cheias, em Albufeira e à barragem de Silves. Depois o sr. eng. Amaro da Costa apreciou os trabalhos, já muito adiantados e competentemente dirigidos, da doca de pesca de Vila Real de Santo António e, por fim, os sapais desta vila e de Castro Marim que vão também ser recuperados para benefício da economia regional.

Não podemos deixar de nos congratular com estas visitas que demonstram o interesse do Ministério das Obras Públicas pelo Algarve.

— se complementar daquela outra de grande amplitude económica e social que é a irrigação do Alentejo. Neste projecto, que todos estão convencidos será executado, prevê-se a industrialização dos produtos agrícolas e pecuários em fábricas situadas nas zonas beneficiadas pela rega. Como grande parte destes produtos se destinarem a consumo externo e terão que despigar nos mercados com produtos de outras origens, está bem de ver que o seu preço terá que ser de concorrência e isso impõe a maior economia não só na manipulação como nos transportes. Ora o porto de Mértola é precisamente o que fica mais próximo de grandes zonas a beneficiar pela rega. Se ele, no estado actual da economia agrícola e mineira do Baixo Alentejo, está justificado com números que não deixam de impressionar, avale-se a alta função económica que terá a desempenhar dentro de alguns anos quando vastas zonas de sequeiro, agora restritas a culturas pragano-

sas, se transformarem em mimosos regadios de produção intensiva e que exigem um carrilamento barato dos seus produtos para nos desembarcarmos deles facilmente e com lucro.

Atendendo ao que se deixa exposto, considerando que é, indiscutivelmente, interesse nacional procurar baratear os géneros que temos que expedir ou receber, sem ofensa para os humanos proventos dos assalariados do campo e das indústrias que vislumbramos nos futuros regadios, não nos resta dúvida de que o Governo, atalando com argúcia o interesse da Nação, dará ao Baixo Alentejo o seu porto — dádiva que, repetimos, não constitui favor. É apenas um mero acto de boa política económica e uma medida social compreensiva e salutar. Os conceitos residuais não contam porque onde aparece a Nação — o vértice das glórias e dos sofrimentos de um povo — não pode aparecer mais nada. É prudente e decente não aparecer mais nada!

AGOSTINHO FERNANDES e a valorização editorial portuguesa

Conclusão da 1.ª página

temente documentado nos singulares mistérios da pintura, habituado a estimar o belo e a refugar o mediocre, deu-lhe para valorizar a actividade editorial do País. E em que medida o está a fazer documentam-no os livros que ultimamente a Portugalia tem oferecido ao interesse e à curiosidade dos leitores. Não falemos já nesse prestante serviço que representa a edição das obras completas de Teixeira Gomes. Só por si ele bastava para que nos sentíssemos gratos a quem o empreendeu. Falemos noutros aspectos da actividade editorial do «moço» editor. A reedição da «Sombra de fumo», de Augusto Gil, é um mimo, com a alacridade dos desenhos de Cipriano Dourado — e Stuart Carvalhais revigorou com o seu lápis feitiço e expressivo a segunda edição do «Fado» desse poeta mimoso e humano que é José Régio. «Alma minha gentil» é o título da antologia organizada por José Régio e Alberto de Serpa, sequência a distância de «Cem melhores poesias da língua portuguesa», de Carolina Michaélis de Vasconcelos, editadas em Inglaterra vai por meio século. Bem seleccionadas as poesias de amor e dignamente apresentadas em edição muito escrupulosa no seu arranjo gráfico e na sua teimosia artística. À satisfação desta dá-no-la Augusto Gomes no traço fino do seu desenho adequado ao tema que se entreteem em alegorias ao amor romântico de pombinhas e flores dos séculos já passados para deflagrar na nudez forte da verdade sem o manto diáfano da fantasia. A edição mais recente é a de «O Toucador, periódico sem política», de que foi redactor Almeida Garrett. O simpático jornalzinho publicou-se de Fevereiro a Março de 1822 e sendo dedicado às senhoras portuguesas, abria com uma declamatória e gentil apresentação da qual, por curiosidade reproduzimos as primeiras linhas: «Sexo amável e encantador, que fazeis as nossas delícias, apri-morais os nossos prazeres, adoçais as nossas amarguras, e sois a essên-

cia da vida, o afago da existência»...

Que plúmbeo se atrevera hoje a apresentar em público — neste ambiente de «belas lascaras», «aquela tipa», a «Fifi é de assobios» — uma prosa deste género, repassada de melifluidez e de gentileza?

Neste contraste de duas épocas reside a grande curiosidade de «O Toucador» em que se escreve sobre Modas, Namoro, Bailes, Teatro, etc., tomando-se através dele agradável contacto com os hábitos e o ambiente do primeiro quartel do século passado.

A obra, que reproduz as capas originais, é valorizada com mimosos desenhos de Laura Costa e apresentada por Fernando de Castro Pires de Lima, que fez uma apreciação a Garrett e nos conta a origem do periódico — um caso de amor.

E por último e para estabelecer um equilíbrio razoável, deu-nos a Portugalia também uma edição original para as crianças através de «Qual é a coisa qual é ela?», de Fernando de Castro Pires de Lima. Trata-se de um livro de adivinhas ilustrado por Álvaro Duarte de Almeida, e o nosso melhor elogio consistirá em recomendá-lo ao sr. ministro da Educação como prémio para os mocinhos e mocinhas das escolas portuguesas que pela sua aplicação mereçam a simpatia de um estímulo.

E do que se acaba de escrever um pormenor ressalta — é que tudo isto, que é muito e merecedor da nossa admiração, se deve a um algarvio. Há muitos modos de se honrar a terra e a nação onde se nasceu. Este é um deles — servindo o sector mais nobre e imperecedouro de um país — as letras e as artes. Não equivale esta constatação a uma comenda; somos mais exigentes — preferimos a gratidão.



O PROBLEMA DA AMÊNDOA EM ESPANHA

ALICANTE (Especial para o *Jornal do Algarve*) — Estão em plena floração as amendoeiras, e toda esta província, a maior produtora de amêndoa da Península, oferece um espectáculo alviniente que não fica a invejar a «neve» do Algarve. Não se pode prever o que será a próxima colheita. Registaram-se algumas anormalidades na floração mas cre-se que isso não influenciará a produção. Uma coisa parece certa: não se repetirá a excessiva produção do ano findo. Nos últimos vinte e cinco anos o pior ano de amêndoa foi o de 1932 em que se obtiveram cem milhões de quilos e o melhor foi o de 1953, com 202.000 toneladas.

Depois da baixa apreciável que se verificou neste produto, que tantas divisas traz para a Espanha, o mês passado caracterizou-se pela manutenção dos preços, sem grandes oscilações. A amêndoa em casca obteve cotações superiores a oito pesetas e a molar o dobro, cada quilo. A amêndoa em miolo transaccionou-se a 37 pesetas. Nos mercados estrangeiros os preços estão estacionários ou sobem. Em Londres está a pagar-se a 350 xelins, o quintal inglês.

A exportação de amêndoa nos últimos anos, tem sofrido muitas vicissitudes e pelo porto de Lisboa saiu muita amêndoa que não era portuguesa. Mas tudo isso é mínimo em relação às preocupações dos produtores em face do mercado comum europeu. Se a Espanha não ingressa neste como poderá competir com a amêndoa italiana? Esta dúvida, cremos nós, também deve assaltar os produtores dessa linda província algarvia.

Para se avaliar a nossa produção de amêndoa, que o exportador escrupuloso procura acautelar das humidades do mar, que lhe são desfavoráveis, vamos reproduzir os números referentes ao ano passado: Alicante, 81.486 toneladas; Granada, 15.979.800 quilos; Baleares, 14.292 toneladas; Almeria, 8.877.000 quilos; Barcelona, 8.520 toneladas e Castellón, 7.230 toneladas. Registaram produções inferiores a esta última província as regiões de Tarragona, Múrcia, Lérida e Huesca. A nossa riqueza em amêndoa sobe a mais de mil milhões de pesetas. — *Pedro Mendota.*

A CÂMARA DE LAGOS

foi autorizada a agravar algumas taxas tributárias

DOR ter sido suprimida a cobrança do imposto «ad valorem», foi a Câmara Municipal de Lagos autorizada a agravar as taxas de liquidação das licenças de estabelecimento comercial ou industrial dos contribuintes dos grupos A, B e C da contribuição industrial para, respectivamente, 55, 20 e 45 por cento e ainda a liquidar por esta última percentagem as licenças da mesma natureza dos contribuintes do grupo B nos casos em que as colectas para o Estado sejam determinadas pelo sistema do grupo C em função dos lucros presumíveis.

IMPRESSÕES

DE UM «JORNALISTA»
EXPOSTAS EM
CAFREAL VERNÁCULO

CHAMARAM a nossa atenção para uma prosa do sr. Anibal Anjos publicada no nosso prezado colega «Povo Algarvio», na qual aquele «jornalista» refere a sua visita, numa manhã de Junho quente, a Vila Real de Santo António. Acreditamos que visitou a Vila Pombalina com bons olhos e tanto assim que descobriu palmeiras na Praça central, coisa que nunca ninguém tinha descoberto e descobriu ainda uma coisa que nós estamos fartos de procurar baldadamente, o «novo Bairro dos Pescadores situado perto do Farol». À falta de monumentos, ficou encantado com edifícios de utilidade pública e queixou-se do calor quase africano que não deixa medrar a vegetação.

É pena que as tais «correntes aéreas vindas de Marrocos» não tivessem estorricado o sr. Anibal Anjos. Haver-lhe-iam prestado um favor — o de não lhe dar tempo a alinhavar tantas asneiras num pretoquês que impressiona pela sua vernaculidade cafreal. Do que se depreende que é indispensável a continuação dos cursos de alfabetização de adultos.

Propriedade

Vende-se, denominada «O Muro», em Vila Nova de Caceia, com 120 alqueires de terra de primeira, toda arborizada, com vinha, casa para os donos e caseiro, ramadas para vacas, cavalariças, palheiro, adega, um silo subterrâneo e poço.

Quem pretender dirigir-se à Redacção deste jornal ao n.º 35, em carta fechada.

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Se fui fogo não lamento ser cinza que é nada ser. — Basta viver-se um momento pra que não custe morrer.

FERNANDO CARDOSO

Também na cozinha se pode ser artista

Macarrão à brasileira — 250 gramas de macarrão; 150 grs. de fiambre; duas colheres de sopa de manteiga; uma xícara de leite; três ovos (pouco batidos); quatro colheres de sopa de queijo ralado; farinha de trigo, cebola a gosto, uma pitada de colorau, outra de pimenta e tomate picado. Numa caçarola, põe-se a manteiga, a cebola, o colorau, o tomate, a pimenta e uma pitada de sal e leva-se ao fogo para fofegar; despeja-se, depois, o macarrão cozido e picado em pedacinhos. Mexe-se bem, retira-se do fogo e adicionam-se o fiambre partido em pedacinhos, o queijo ralado, o leite, e, por último os ovos. Leva-se ao forno em forma unta de manteiga e salpicada de farinha de trigo.

A vida de uma mulher casada

Uma senhora bávara, ao completar 30 anos de casada, deu o balanço à sua vida, tirado dos apontamentos dos livros de contas, que começou a fazer depois do seu primeiro dia de casada. E achou: deu à luz e criou seis filhos; preparou 56.900 refeições correntes e 133 almoços solenes; gastou no arranjo da casa 43.080 horas; fez 33.400 pães e 7.980 bolos; fez 200 vestidos de criança e consertou e reformou 944 vestidos de adulto; remendou 224 pares de meias; criou 2.800 galinhas e 220 porcos. E ainda teve tempo para fazer apontamento de tudo isto...

Medicina caseira

Um pronto socorro eficaz, na medicina caseira, para acudir à aflição de uma espinha encravada no esófago, consiste, algumas vezes, em engolir um ovo cru (com a gema intacta).

O doce nunca amargou

Pudim de laranja — Deitam-se numa caçarola 500 grs. de açúcar refinado, dois decilitros e meio de água, a casca ralada de duas laranjas e um pau de canela. Leva-se ao lume e deixa-se chegar ao ponto de espadana. Depois, deixa-se esfriar um pouco e juntam-se-lhe dez gemas e duas claras, batidas umas com as outras. Ferve-se bem toda a mistura e deita-se numa forma lisa bem barrada com manteiga, em que se leva ao forno a cozer.

Conhecimentos úteis

Os ovos cozidos descascam-se mais facilmente metendo-os em água fria depois de cozidos, o que os endurece ainda mais, podendo-se então tirar a casca sem dificuldade.

Para o azeite ser benéfico à saúde, não basta ser azeite de oliveira, é preciso que não tenha demasiada acidez, e que seja bem preparado.

Devemos encerrar levemente os peitorais das janelas recentemente pintados. Desse modo, a chuva causar-lhes-á menos dano.

Repare-se a comida que ingere e a que dá a seus filhos contém a suficiente quantidade de cálcio. Este elemento é essencial para ossos e dentes.

é agora não ria!

O freguês — (apontando para o prato) — Que é isto?

O criado (interessado pela orquestra) — É um pedaço da «Viúva Alegre»...

ADEGA COOPERATIVA DE TAVIRA

NOSSO prezado colega «Novidades», de Lisboa, também dá o seu apoio à construção de um edifício para a Adega Cooperativa de Távira, exteriorizando esse aplauso em local publicada no passado dia 5 e que transcrevemos:

O *Jornal do Algarve*, o semanário de maior tiragem que hoje se publica na nossa Província, chama, no seu último número, a atenção das entidades competentes para a necessidade imperiosa, da construção de um edifício de «pedra e cal» destinado à Adega Cooperativa de Távira, única existente no Sotavento do Algarve e que, desde o início do seu funcionamento, se encontra instalada num barracão metálico de extensas dimensões.

Motores usados para venda pela Sociedade de Pesca Boa Vontade, Lda., de Albufeira

1 motor da marca LISTER, de 30 H. P., 3 cilindros, a 1.200 r. p. m., em bom estado.

1 motor da marca SKANDIA-VERKEN, de 85 H. P., 2 cilindros a 375 r. p. m., em bom estado.

Nota — Quem pretender deverá dirigir-se à n/ firma, podendo os motores serem vistos em Albufeira.



O ÚNICO PULVERIZADOR FABRICADO POR NOVOS PROCESSOS. EXAMINE CUIDADOSAMENTE TÓDAS AS SUAS PEÇAS E DAR-LHE-A PREFERÊNCIA.

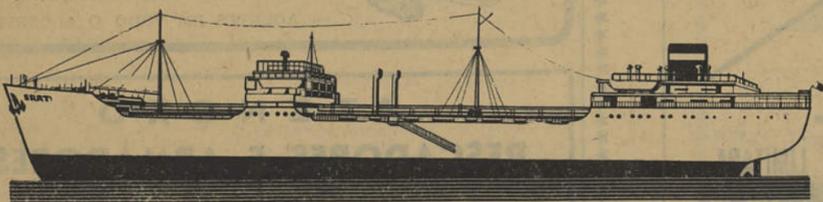
HIPOLITO

A MARCA QUE OFERECE TÓDAS AS GARANTIAS
CONSULTE AS NOSSAS NOVAS TABELAS DE PREÇOS

NAS PINTURAS DO N/T «ERATI»

— O MAIOR NAVIO CONSTRUÍDO EM PORTUGAL —

para a SOCIEDADE PORTUGUESA DE NAVIOS TANQUES (SOPONATA)



Foram utilizadas tintas EXCELSIOR

PRODUTOS DA FÁBRICA DE TINTAS E VERNIZES «EXCELSIOR»

de J. A. HONRADO & CALLADO, L.ª — Trav. do Giestal, 4 — LISBOA

Os armadores portugueses preferem os estaleiros e as tintas nacionais